

A Educação e a Criança da Vila Operária¹

..... Marli de Oliveira Costa^{*}

R e s u m o

O ambiente problematizado é a Vila Operária Próspera, localizada na cidade de Criciúma, em torno da década de 1950. As crianças que conviveram com este espaço e tempo eram filhos e filhas de mineiros trabalhadores da Carbonífera Próspera S.A. A educação delas foi entregue às catequistas, à professora paga pela mineradora e também às freiras da Divina Providência. A formação das crianças se deu no momento em que os empresários procuraram disciplinar o comportamento dos operários no domínio privado e cotidiano. Para tanto, se utilizaram também da autoridade religiosa e da escola.

Palavras-Chaves- Criança, educação, vila, mineradora, cotidiano, freiras, disciplina.

A b s t r a c t

The ambience questioned is the *Vila Operaria Prospera*, located in the city of *Criciúma*, around the fifties decade. The children that lived in this place and time were sons and daughters of the *Carbonifera Prospera S.A.* mine workers. Their education was given to the catechists, to the teacher paid by the mining industry and also to the nuns of *Divina Providencia*. The children's schooling happened in a moment that the industrialists wanted to discipline the workers behavior in the private and daly life domain. To accomplish that they use religious and educational authority.

Key words: Child, Education, District, Mining, Daly life, Nuns, Discipline.

"Os meninos andavam na rua, as famílias eram muito numerosas e as crianças ficavam pelas ruas. Você podia subir o morro, você chegava no topo do morro e enxergava estrelado de crianças."²

Esta imagem ficou registrada na memória de Ir. Claudia. As crianças sobre montanhas de rejeito de carvão foram envolvidas em corais infantis, banda de música e times de futebol coordenados pelas irmãs da Divina Providência³. Os relatos de vida que encontrei, ao entrevistar quem era criança nos anos 50, demonstraram que a figura das irmãs

¹ Vila Operária Próspera, localizada na cidade de Criciúma, na década de 1950.

^{*} Graduada em filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, em 1993. Iniciou o mestrado em História, na UFSC em 1997. Orientadora: Profa. Dra. Maria Bernadete Ramos Flores.

² Lembrança de Ir. Claudia, entrevista concedida em novembro de 1996. Maria Vicentina de Freitas nasceu em Pitangui, Minas Gerais, em 1926, se tornou religiosa em 1951 recebendo o nome de Claudia.

³ As irmãs da congregação da Divina Providência chegaram à Vila Operária Próspera, em 1955, a convite da Carbonífera Próspera S.A num convênio com o Serviço Social da Indústria, SESI, realizar um trabalho de higienização das famílias dos operários mineiros.

marcou profundamente suas vidas. Para as famílias da Próspera, elas, de certa forma, representaram um marco, por isso, no decorrer do texto, procuro evidenciar a vida da criança em um “antes” sem, e um depois “com” as freiras.

Tendo a mineradora como centro do ambiente e no papel de provedora da vida das famílias, a educação da criança se fez em torno dela. Este texto pretende abordar como se deu a formação dos filhos dos mineiros em seu lugar de moradia, entendendo que este espaço refletia diretamente na vida deles.

A Vila Operária da Próspera foi criada na década de 1930, em torno da mineração efetuada pela Carbonífera Próspera S. A. Em Criciúma, a habitação operária seguiu os modelos dos grandes centros urbanos como Paris e Londres no final do século XIX⁴, e também, São Paulo e Rio de Janeiro no final do século XIX, início e meados do século XX. A emergência da industrialização atraiu para as cidades centenas de pessoas e com a chegada delas o problema da habitação. Foram criadas alternativas pelos capitalistas empreendedores, tais como: os cortiços e as pensões. A partir das casas populares junto às fábricas, formaram-se as vilas operárias.

Maria Auxiliadora Decca coloca que, “ao se configurarem como prolongamento das fábricas, principalmente as vilas operárias dirigidas por industriais tiveram uma função normativa e disciplinar, sobre o comportamento operário no domínio privado e cotidiano”⁵. Como a maioria das vilas construídas em torno de uma empresa, na Próspera, a vida dos operários e suas famílias girava em torno da mineradora, mesmo fora do ambiente de trabalho. A família era uma espécie de extensão dela.

A Vila não se compunha apenas das construções efetuadas pela carbonífera, mas pela apropriação que os moradores fizeram dela, colocando suas marcas, levando consigo a marca da vila “[...]o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével [...]”, como diz Pierre Mayol⁶

A n t e s d a s F r e i r a s

A criança quando nasce encontra uma cultura com linguagem, objetos, costumes e leis pronta⁷. A família procura conduzi-la dentro desta realidade, em um primeiro momento, no espaço da casa. As famílias dos mineiros tinham em média de 6 a 8 filhos e viviam em casas muito pequenas. Estas, na voz do médico higienista, Dr. Francisco

⁴ Michele Perrot descreve as moradias dos operários em Paris como um lugar minúsculo e atulhado. In: PERROT, Michele, *Os Excluídos da História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. Engels fala da situação de moradia das classes operárias na Inglaterra In: ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. Porto: Afrontamentos, 1925.

⁵ DECCA, Maria auxiliadora Guzzo. *Cotidiano de Trabalhadores na República* (São Paulo – 1889/1940). São Paulo: Brasiliense, 1990

⁶ MAYOL, Pierre. *Morar*. In: CERTEAU, Michel e outros. *A Invenção do Cotidiano* (2- Morar, Cozinhar). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

⁷ DAMAZIO, Reinaldo Luiz. *O que é Criança*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

de Paula Boa Nova Jr.⁸, eram “ranchos velhíssimos”, lugar promíscuo, responsável pela fadiga física do operário.

É neste espaço que a criança, em contato com a família, apreendia seus valores e costumes. À noite repartiam com os irmãos a cama e antes de dormir, como conta D. Irene⁹, tinham que rezar “... *Então a gente dava a janta para as crianças, lavava bem os pés, mudava eles, ensinava a rezar. Porque eu sempre ensinei eles a rezar quando eram pequenos.*” José da Silva¹⁰ lembra que, de noite, depois da janta, na beira do fogão à lenha, o pai ensinava, “*dava uma desemburrada na gente*”, ensinava as letras do alfabeto, cobrava o catecismo e contava “causos”.

A religião foi uma presença forte na vida cotidiana das famílias operárias da Próspera, embora, em algumas famílias, encontrem-se exceções. Aos domingos, a carbonífera colocava um caminhão à disposição dos moradores para levá-los à missa no centro da cidade. Embora este momento possa ter representado para as crianças momentos de divertimento, de passeio, D. Lurdes¹¹ acredita que, até hoje, não possa passar um domingo sem ir à missa em virtude do hábito da infância.

As casas pequenas, os mineiros trabalhando por turnos¹². O grande número de crianças alcançava então a rua. O que faziam pelas ruas cobertas de carvão?

Ah! Uma coisa interessante “*que a gente fazia quando era guri, era carregar o almoço para os mineiros na mina.*”¹³

As crianças trabalhavam. Além de levar almoço para os mineiros, iam buscar lenha nos matagais próximos à vila. Enfrentavam filas para trazer água da Carioca¹⁴. Vendiam em balaio e cestas: pães de milho, roscas de polvilho e outros alimentos. Com “picaretinhas” batiam na “ponta da pedra” em busca de pedras de carvão aproveitáveis para vender e as vendiam para a própria carbonífera. As meninas e mocinhas desenvolviam tarefas como as acima relatadas, lavavam roupas para fora e trabalhavam na escolha do carvão.¹⁵

“Nós brincávamos na rua, no quintal, fazia amarelinho, jogava bolinha de gude, casinha, cozinhadinho...”¹⁶

⁸ Francisco de Paula Boa Nova Júnior, médico sanitarista, trabalhou em Criciúma na década de 50 e escreveu sobre os lares operários no boletim nº 95 dos “Problemas Médicos Sociais da Indústria Carbonífera Sul Catarinense, 1952.

⁹ Irene Daré Pizzetti nasceu em 1918, na Próspera. Entrevista concedida em 1998

¹⁰ José da Silva nasceu em Ribeirão Grande, distrito de Laguna, em 1945. Foi com a família para a Próspera em 1956. Entrevista concedida em 1997.

¹¹ Lurdes Daré Pizzetti Machado nasceu na Próspera, em 1943. Entrevista concedida em maio de 1998.

¹² O funcionamento da mina não pode parar, funciona 24 hs por dia. Por isso, os mineiros têm horas determinadas de pegar, trabalhavam 6hs diárias. Às vezes dormiam durante o dia para trabalhar à noite.

¹³ Lembrança de José da Silva. Entrevista de 1996.

¹⁴ Caixa de água potável, colocada pela mineradora para servir às famílias mineiras.

¹⁵ O carvão saía da mina misturado com outras pedras. A mineradora contratava meninas e mulheres para separarem o rejeito do mineral.

¹⁶ Lembrança de Zenaide. Zenaide Figueira nasceu em Araranguá, em 1946 e veio para a Próspera com 3 anos. Entrevista concedida em 1996.

As crianças brincavam. D. Josina¹⁷ recorda que procurava manter seus filhos por perto, no quintal, onde brincavam de bolinhas de gude ou de outras brincadeiras, que não deixava seus filhos irem para a rua. Outros pais afirmam o mesmo que D. Josina, mas as crianças deste tempo deixam visível as experiências na rua, onde em contato com outras crianças deixavam fluir suas trapaças e jogos. Ao ouvir tais experiências, lembrei de Michel de Certeau¹⁸, quando este aponta táticas, jogos de astúcia que driblam uma "ordem estabelecida". Ordem esta, em meu entender, que alcança todas as esferas do viver humano e que foram construídas em um determinado tempo e para servir a alguns determinados interesses. Quanto a estas "ordens", diferentes formas de encará-las: entrar nelas, resistir com luta ou driblá-las, fingir aceitar e resistir com "brincolagens". Imagino então, como as crianças "trapacearam" os pais ou outros adultos nestas relações.

"Uma coisa curiosa"... comenta D. Rosária¹⁹, "eram nossas pescarias". Ela conta que, quando criança, iam pescar no açude. As mulheres lavavam roupas lá, algumas utilizavam "coxo"²⁰, e quando elas não estavam, eles pegavam o "coxo", alguém com o dedo tapava o furo do coxo por onde a água escorria e atravessavam o açude para pescar na ilhazinha. Quando a dona do dito "coxo" chegava, ameaçava-os: "- vou contar para tua mãe, vou contar para teu pai". Eles ficavam pescando e depois o traziam.

Transformar objetos, inventar brinquedos com o que encontravam na vila, estas parecem ter sido atividades que as crianças se ocupavam. Volto a lembrar de Michel Certeau²¹ e das "artes de fazer" da cultura popular ao aproveitar as sucatas, já que não possuíam brinquedos industrializados. D. Lurdes lembra da utilidade das folhas de coqueiros para escorregar pela ponta da pedra: "*Nós éramos pequena, eu e minha irmã, nós pegávamos essas canoas de coqueiro e ia lá em cima na Ponta da Pedra brincar de escorregar. Nós brincávamos o dia inteirinho com a canoa de coqueiro.*"²²

Na rua, convivendo com outras crianças e observando a vida dos adultos, elas iam organizando brincadeiras, trapaças e ganhando alguns trocados para ajudar nas despesas familiares. O dia a dia dos meninos e meninas se diferenciavam. Alguns freqüentavam a escola em um período e no outro ficavam pelas ruas.

A Escola

A Escola Reunida José Martinelli foi inaugurada em 1947. Antes dela, as crianças, para estudarem, deslocavam-se a pé até o centro da cidade de Criciúma, ou estudavam na escola da D. Margarida. "*D. Margarida, ela era uma senhora preta que tinha sido professora,*

¹⁷ Josina Maria da Conceição nasceu em 1906, na Urussanga Velha. Veio para a Próspera na década de 1940. Entrevista concedida em 1996.

¹⁸ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano* (Artes de fazer). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

¹⁹ Lembrança de Rosária Meis. Entrevista concedida em 1998.

²⁰ Tanque de madeira, geralmente utilizado para lavar roupas.

²¹ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano* (Artes de fazer). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

²² Lembrança de Lurdes Machado. Entrevista realizada em maio de 1998.

ela tinha uma escola em casa. Numa sala ela tinha uma mesa grande de madeira e uns bancos, até então não tinha escola na Próspera, e as crianças iam ali para a escola para estudar com a D. Margarida".²³ Entre os moradores havia pais que pagavam uma taxa mensal para D. Margarida ensinar seus filhos a ler e escrever, mesmo assim, muitas crianças ficavam sem escola.

A mineração se expandia, os filhos dos mineiros ocupariam o lugar dos pais na mina, pois o trabalho no subsolo aposenta em 15 anos, inclusive nos dias atuais. Bastava um olhar sobre as crianças na vila e logo se perceberia que a maioria delas estava sem escola.

D. Maria Corrêa, esposa de um dos funcionários²⁴ da carbonífera, fez um levantamento das crianças em idade escolar fora da escola. O número foi bastante grande, porém, a prioridade foi dada aos meninos mais velhos, como lembra D. Rosária: "*D. Maria começou sozinha, inicialmente ela dava aula de manhã e à tarde. Eu acredito que eram uns 45 alunos por turma. Como tinha garotos de 14, 15 anos analfabetos, eles selecionaram primeiro os mais velhos, que eram o pessoal que iam entrar como mão-de-obra na empresa e eu então fiquei para a segunda turma*".²⁵

A escola atendia em turno intermediário²⁶, na casa de um antigo funcionário, e as "salas" não comportavam o grande número de crianças matriculadas. D. Maria Corrêa foi a primeira professora e diretora da escola. Sua imagem ficou bastante marcada para aqueles que foram seus alunos.

Ao trabalhar com memória, o tempo passado nos é retomado com nossa visão de mundo do presente, aqueles antigos alunos de D. Maria, hoje, percebem que existem outras formas de ensinar e, ao relatarem como era a vida na escola, deixam transparecer sentimentos do passado, avaliados com o olhar do presente. D. Lurdes lembra da vergonha dos castigos:

*D. Maria era a antiga professora. D. Maria era brava, ela dava as lições pra gente, os pontos era assim 3, 4 folhas. Tinha que decorar tudo pra chegar lá e dizer tudo pra ela. Quem não dizia ia pra porta e ajoelhava em 3, 4 grão de milho, ficava ajoelhada ali, e todo mundo passava e chateava com a gente. "Eh. Eh. Tá de castigo, tá de castigo". E a gente ficava com aquele trauma, com aquela vergonha.... Ela era brava, ela tinha uma régua preta de osso, se a gente tava conversando... Ela era mais prevalecida com os meninos, que eram muito bagunceiros, ela chegava com a régua e "pá" nos dedos, ficava marca aqui assim.*²⁷

²³ Lembrança de Rosária Meis, entrevista concedida em 1998.

²⁴ Assim eram conhecidas as pessoas que trabalhavam no escritório da empresa.

²⁵ Rosária Meis, entrevista concedida em 1998.

²⁶ das 8 h às 11h, das 11h às 14h e das 14h às 17h.

²⁷ Lurdes Daré Pizzetti Machado. Entrevista concedida em 1998.

Rosária busca na primeira professora um referencial, aquela que nunca deixou de alfabetizar um aluno. O modelo que procurou seguir quando começou a lecionar.

A rotina da escola acompanhava o decorar textos, “pontos”, o recitar da tabuadas e o temor à professora que infligia castigos corporais àqueles que não aprendiam, principalmente os meninos.

Os meninos ao terminarem a 4ª série, caso não desistissem antes, preparavam-se para trabalhar na mina, e as meninas aprendiam o corte e costura. Poucas crianças seguiam estudando. A escola oferecia até a 4ª série, e o ginásio estava localizado no centro da cidade. A maioria das famílias não dispunha de dinheiro para o uniforme e o material escolar.

A necessidade de escola foi aumentando, pois a vila foi crescendo. Em 1956, a própria empresa construiu um prédio novo com 2 salas de aula, dois banheiros e uma sala de direção. Nesta mesma época, a prefeitura pagava uma professora. E a Empresa também pagava D. Rosária que estava concluindo o curso regional²⁸. A Escola Reunida José Martinelli fechou em 1960 quando foi construído, na vila, o Colégio Estadual Heriberto Hülse.

A Catequese

Os catequistas eram pessoas da comunidade que realizavam a catequese em suas próprias casas. D. Elisa recorda que havia um interesse bastante grande por parte dos pais em enviar os filhos à catequese, mandavam os mesmos até bem pequenos. Ela assim descreve essas crianças:

“Eu dava catequese em casa, na minha cozinha, a vizinhança mandava os filhinhos. As crianças eram boazinhas. tinha um que era moleque, incomodava, mas eles não eram malcriados, ele era moleque assim, dava uma cutucada no outro depois se fazia de santinho e ninguém percebia que era ele.”²⁹

Na catequese, o “ensino”, como era chamado, fazia decorar o catecismo. “A gente para fazer a primeira eucaristia tinha que saber o catecismo até os 7 pontos, o catecismo inteiro de cor³⁰”. Importante perceber que, desde muito cedo, as crianças tiveram contato com as leis e regras da Igreja Católica, cuja participação era estimulada pela mineradora e que as famílias respeitavam as autoridades religiosas.

É a autoridade religiosa, representada pelas freiras da Divina Providência, que a empresa, em convênio com o SESI,³¹ traz para a vila, no intuito de modificar hábitos e estabelecer regras de conduta.

²⁸ Curso que habilitava para exercer o magistério de 1ª à 4ª série.

²⁹ Lembrança de Elisa Martins. Entrevista concedida em 1997.

³⁰ Fala de Ir. Claudia. Entrevista concedida em 1996.

³¹ Serviço Social da Indústria.

Com as Freiras

Em 1953, a CSN³² assumiu o controle acionário da empresa. Para representar a CSN, na Próspera, foi enviado um diretor técnico, Sesóstres de Rezende Corrêa. Este senhor vinha de Minas Gerais, lá a CSN já havia implantado modelos de vila operária, com casas de alvenaria, parque para as crianças, dentre outros benefícios. Uma das primeiras modificações na vila foi a construção de casas maiores, com até 5 cômodos.

Marisa Varanda Carpintéro aponta no Primeiro Congresso de Habitação Operária, realizado em São Paulo, em 1931, as discussões técnicas com acentuada preocupação da valorização dos preceitos morais e higiênicos que, segundo os urbanistas, constituíram elementos fundamentais para a formação do trabalhador³³.

Apesar de passarem a morar em casas com mais cômodos, onde as crianças tinham quartos e camas separadas por sexo, e as pessoas podiam passar maior tempo dentro de casa, os hábitos da vida na vila não se modificavam. As famílias desconheciam certas regras de higiene e saúde divulgadas pelo saber médico.

Acompanhando o modelo de organização das vilas operárias de outros lugares do país e do mundo, era preciso organizar, ensinar o povo a viver adequadamente respeitando certas normas de higiene, saúde, "bons costumes".

As irmãs da Divina Providência foram então convidadas para realizarem um trabalho de reeducação das famílias operárias. Para tanto, deveriam manter um contato direto com a população. As freiras moravam na vila, em uma casa da carbonífera e recebiam todo o apoio necessário do SESI. Seu trabalho consistiu em visitar as famílias, no intuito de ensinar às mulheres economia doméstica, regras de higiene, algumas noções sanitárias e, até mesmo, aconselhar no relacionamento do casal.

O empenho maior das freiras, no entanto, deu-se na efetiva reeducação das crianças, procurando ocupar o tempo livre delas. "A gente queria uma reeducação. Agora é de notar o seguinte, que a reeducação que a gente buscava era nos padrões da época."³⁴ O padrão da época, representado e perpassado pelas freiras, compunha-se de disciplinar e normatizar a vida dos operários por meio de uma autoridade que representava o discurso religioso, médico e higienista.

As freiras na vida íntima das famílias

Ao visitar as famílias, iam sempre em duas, uma ficava brincando com as crianças lá fora e a outra conversava com os pais. Irmã Claudia conta que agiam desta forma porque as mães falavam de tudo na frente dos pequenos e elas acreditavam que havia coisas do

³² Companhia Siderúrgica Nacional.

³³ CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. **A construção de um sonho** (Os engenheiros- arquitetos e a formulação da política habitacional no Brasil). São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

³⁴ Ir Claudia. Entrevista concedida em novembro de 1996.

mundo adulto que as crianças não deveriam conhecer. Iniciavam deste modo uma separação entre o que pertence aos adultos e o que pertence à infância.

Nas conversas com as mães, procuraram ensinar a lavar a casa aos sábados, fazer buraco para colocar o lixo, construir fossa artesanal para a água da pia. Realizaram cursos de economia doméstica para aproveitarem sobras de alimentos e incentivaram o banho e cuidados com as crianças. Os banhos eram dados em bacias, lavando apenas os pés, as partes genitais, rosto e mãos. Nos finais de semana, alguns tomavam, então, o “banho geral”. As enfermidades eram tratadas em casa com chás e simpatias, poucos iam ao médico³⁵. A mortalidade infantil era bastante grande. Geralmente as crianças morriam de epidemias como sarampo, catapora, gripes ou desidratação. Elisa descreve os enterrinhos: “*meu Deus do céu! Era uma cachãozada, não era 1, nem 2...meu pai trabalhava na carpintaria, tinha dia dele fazer 6, 7 caxãozinho para crianças...*”³⁶

As irmãs conseguiram junto à empresa a construção de chuveiros coletivos. Aos sábados, reuniam as crianças para ensiná-las a tomar banho. Havia um chuveiro para as meninas e outro para os meninos. As crianças desciam o morro e aguardavam em filas a sua vez de tomar banho. Uma das dificuldades que as freiras encontraram foi com relação à troca da roupa suja por roupa limpa, algumas mães não enviavam roupas limpas para os filhos colocarem após o banho. Depois de algum tempo, as freiras observaram que muitas crianças não iam mais aos chuveiros, preocupadas, foram saber o “porquê” e constataram que elas já estavam tomando banho em casa.

Ao entrarem na casa das famílias com a autoridade legitimada pela religião, que para aquelas pessoas representava o próprio “Deus”, buscaram modificar a alimentação, os cuidados com a casa, roupa e a higiene do corpo. Ao se inserirem na intimidade dos lares, interferiam na vida dos casais, no trato com as crianças. Embora para muitas pessoas elas pudessem representar o que é correto, outras viam-nas com desconfiança.

Na história oral é preciso estar atento ao tom da voz e aos gestos, não apenas às palavras. Percebi em alguns relatos um certo ar de desconfiança, que não se materializou em palavras, mas se tornou visível pelo olhar, pelo sorriso irônico. Ir. Claudia colocou que “*foi muito difícil*”³⁷. Este “muito difícil”, possivelmente, se refere à resistência encontrada na realização de seus objetivos. Por exemplo, uma das imagens que muito impressionou Ir. Claudia foi a das crianças seminuas brincando sobre a ponta da pedra. Imediatamente procurou as mães na tentativa de modificar tal hábito. Ao perguntar a uma delas o “porquê” do filho se vestir assim, obteve como resposta que eles se sujavam muito e, desta forma, ela não precisaria lavar tantas calcinhas, e disse à irmã “*só se a senhora lavar as calças para mim*”³⁸

³⁵ Para ir ao médico se deslocavam até o Centro.

³⁶ Lembrança de Elisa Martins, entrevista concedida em 1996.

³⁷ Fala de Irmã Claudia, entrevista de 1996.

³⁸ Lembrança de irmã Claudia, entrevista realizada em 1996

A s F r e i r a s n a e s c o l a / c a t e q u e s e

As freiras também ensinavam catequese e para isso se utilizavam do espaço e do tempo da escola. Chegavam na sala e pediam licença para catequisá-los e davam catequese. Percebe-se que elas não tinham uma hora marcada para realizar tal ato. Esta entrada em sala de aula oportunizou a observação do funcionamento da escola e da aprendizagem dos alunos. Irmã Claudia lembra da linguagem, da conjugação dos verbos:

"E eu me lembro que achei engraçado, por causa da conjugação dos verbos. Eu entrei logo no primeiro dia, fui dar catequese e contei uma estorinha, quando terminei, perguntei:- vocês gostaram? E todo mundo assim:- "gostemo"! E eu fiquei esperando a professora corrigir. E ela não corrigiu e então eu não corriji também, fiquei quietinha, sem graça de corrigir. Mas aquilo doeu no meu ouvido:- "Gostemo".³⁹

A irmã continua a narrativa salientando que chamaram a atenção da professora para isto, mas desistiram quando esta mencionou que as crianças falavam daquela forma porque todas as pessoas com quem elas conviviam falavam assim. Ela, professora, tentou corrigir, mas percebeu que era algo tão forte que resolveu desistir. Isto era cultural. Em reunião com a Superiora, ao falarem deste problema, ela afirmou que teriam muito trabalho, pois era algo que estava presente em toda a cidade. A fala popular foi encarada como algo "errado" e não como algo "diferente".

A rua continuou sendo o local onde as crianças mais ficavam. O trabalho maior das freiras constituiu-se em retirá-las da rua, ocupando-lhes o tempo livre com atividades dirigidas.

A s f r e i r a s n a s r u a s d a v i l a

Maria Auxiliadora Decca⁴⁰ aponta para as atividades criadas pelo poder público ou pela fábrica, no sentido de ocupar o tempo livre dos operários como forma de disciplinar e moralizar hábitos considerados perniciosos e improdutivos, capazes de criar focos de agitação e revolta. Estas medidas atingiam também as crianças filhos de operários: "A

³⁹ Lembrança de Ir. Claudia.

⁴⁰ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A Vida Fora das Fábricas. (Cotidiano Operário em São Paulo, 1920/1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

disciplina do lazer, em função de uma maior adequação ao trabalho e à vida em um centro urbano que se industrializava e expandia de maneira crescente, foi buscada pelos poderes públicos de forma "idealizada" nos cuidados formativos com a criança, principalmente à dos meios operários.⁴¹

Na vila operária da Próspera, a moralização perpassada pelas freiras impôs comportamentos previamente estabelecidos como "corretos". O tempo vivido nas ruas poderia criar "maus hábitos, vícios e criminalidade."

Um desses hábitos encontrados pelas irmãs foi a questão do furto, vejamos como a Ir. contou o fato e tentou resolvê-lo:

"... E as crianças, os meninos roubavam muito. Então nós começamos a fazer um trabalho com os meninos.... Vimos que as crianças roubavam. Então era assim, passava um caminhão de peixe e eles tiravam e levavam para casa.... O Valter era um menino mais crescidinho, ele devia ter uns treze anos, entre 13 e 14 anos, talvez 12, por aí, ..., era uma liderança e falava assim: - Hoje passou um caminhão de peixe irmã." E eu dizia: - "E daí?" - Bom, a senhora sabe, a gente buscou alguns, né. - "Buscou?" Buscou uns como?" - A gente trepou, conversou e tudo, joga um pra cá e esse aqui quanto é? É tanto. E a gente, não esse aqui não, e com a outra mão a gente joga pra lá, né. Contava direitinho como é que roubavam os peixes. Eu falei:- O gente, mas vocês ficam tranquilos? Todo dia a mesma coisa. Quando um dia eu perguntei para eles assim:- Eu quero saber de uma coisa, como é que vocês fazem para chegar com esses peixes em casa? O que a mãe de vocês fala? Aí o Valter falou: - Ué, a minha mãe fala assim, esse não vai dar para hoje, tem que buscar mais." ⁴²

Neste depoimento, percebe-se que para as crianças não havia roubo, eles "buscavam" porque acreditavam que os donos tinham bastante e eles não. As mães julgavam da mesma forma, para elas não estavam fazendo algo errado. O trabalho das irmãs não foi apenas de condenar "isto" ou "aquilo", mas de mudar toda a forma de ver as coisas, de construir novos hábitos, de estabelecer regras de conduta. Ao procurar a mãe de Valter, ficou surpresa, pois ela considerava natural o que as crianças faziam: "*mas irmã, não tem problema não, eles têm muito, não faz falta não*".⁴³

O trabalho das freiras se concentrou, então, em criar alternativas para as crianças saírem das ruas. Criaram os times de futebol. Baseado em regras, o futebol ajudaria a criar uma certa disciplina. Outra atividade foi a formação do coral infantil. Este também era utilizado pela empresa para animar as festas de 1º de maio ou de inaugurações. Time de futebol, coral infantil, banda de música e teatro foram atividades nas quais as irmãs

⁴¹ Idem

⁴² Lembrança de Ir. Claudia. Entrevista concedida em 1996.

⁴³ Lembrança de Ir. Claudia em diálogo com a mãe de Valter. Entrevista concedida em 1996.

envolveram as crianças. O trabalho das freiras se diferenciou do trabalho da escola. Era atrativo e era comum ver o jipe das irmãs sempre rodeado de meninos e meninas.

Ao ouvir os relatos, imaginei as freiras com suas vestes pretas e brancas pelas ruas da vila, disseminando "saberes". Entrando nas casas, na escola. Pareceu-me que estavam em todos os lugares, com seus olhares "bondosos" e ao mesmo tempo "vigilantes" a qualquer comportamento.

As crianças cresceram na vila e tiveram em sua formação a presença de um ambiente degradado pelo carvão. Habitaram casas cujas paredes não os isolavam da rua. A rua para eles era extensão da casa. Foram apresentados a uma religião que estabeleceu o que era pecado e o que não era. Foram alfabetizados por uma professora que ensinava por meio de castigos corporais. Tiveram seu tempo livre ocupado com atividades dirigidas pelas freiras.

Com certeza não estiveram passivas a tudo isso, elaboraram, adaptaram, desobedeceram, driblaram a "ordem", como fala Michel de Certeau, e se tornaram homens e mulheres capazes de olhar o passado e perceber as experiências que os constituíram.